



RUPTURAS EMOCIONAIS E O TRANSTORNO DA PERSONALIDADE BORDERLINE EM ADOLESCENTES

Rafael Alves da Silva¹, Raquel Garcia de Lima Sória²

¹Discente no Curso de Graduação em Psicologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
rafa_alves2@icloud.com

²Mestre em Promoção da Saúde, Docente no Curso de Psicologia, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
raquel.soria@unicesumar.edu.br

RESUMO

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica acerca de adolescentes com diagnóstico de Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). Fundamentado na teoria do apego de Bowlby, compreende-se que experiências precoces de negligência, abuso e vínculos afetivos frágeis impactam o desenvolvimento emocional e contribuem para padrões disfuncionais. O TPB, caracterizado por instabilidade afetiva, medo de abandono e comportamentos autolesivos, apresenta origens multifatoriais, especialmente ambientais. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada nas bases SciELO, Bireme, PubMed e Google Acadêmico, com publicações entre 2010 e 2025. Utilizaram-se os descritores “transtorno de personalidade borderline”, “borderline”, “adolescência” e “adolescentes”, com os operadores booleanos AND e OR. Foram selecionados 9 artigos científico, 2 nacionais e 7 internacionais para análise. Os resultados indicam que adolescentes com TPB comumente vivenciaram traumas precoces, como abuso físico, sexual e verbal, negligência emocional e vivências de bullying. Tais experiências fragilizam o apego seguro e contribuem para dificuldades na autorregulação emocional. Conclui-se que rupturas emocionais originadas na infância afetam diretamente a saúde mental na adolescência. A identificação desses fatores é essencial para diagnósticos precoces e intervenções eficazes, além de subsidiar políticas públicas voltadas à promoção da saúde mental infantojuvenil. O estudo reforça a necessidade de ampliar a produção científica nacional sobre o tema, especialmente em tempos de mudanças sociais aceleradas.

PALAVRAS-CHAVE: Dependência Emocional; Transtorno de Personalidade Borderline.

1 INTRODUÇÃO

Os seres humanos, mesmo diante de habilidades distintas, e absolutamente racionais, além de suas variações e singularidades no processo de ser e existir, dependem do contato com outros para garantia de sobrevivência. Para Lane (2006), tão logo ao nascimento, a dependência do outro para ter suas necessidades básicas atendidas, que não se resumem apenas em necessidades físicas, como também necessidades socioemocionais, acompanham o ser humano por sua trajetória existencial.

Pinto (2014) descreve que toda essa relação de dependência por sobrevivência e construção de laços afetivos são moldadas nos relacionamentos interpessoais desses indivíduos. Esse relacionamento interpessoal desempenha um papel importante na formação da personalidade e da afetividade de cada pessoa. Assim, as pessoas passam a ter condições de estabelecer relações conscientes e espontâneas umas com as outras, e por meio disso, formam-se os laços de acordo com critérios pessoais que atendam às suas necessidades emocionais (Pinto, 2014).

Porém, quando esses relacionamentos não são bem estabelecidos e/ou acompanhados de fragmentos traumáticos poderão acarretar no indivíduo dificuldades de amadurecimento pessoal. Isso subsidiará o que se compreende como dependência emocional. Para Bution e Wechsler (2016), a dependência emocional é uma condição complexa manifestada por meio de buscas excessivas por aprovações, atenção e afeto de outras pessoas, tudo isso resultará no desequilíbrio das relações interpessoais e no bem-estar psicológico do indivíduo e das pessoas que o cercam.



A atividade social, ou seja, os relacionamentos, moldaram a personalidade do indivíduo, com a influência de diversos fatores como: características psicológicas individuais, inserção em ciclos sociais e histórico de vida (Pinto, 2014). Para o mesmo autor, esse moldar de personalidade durante o processo de viver, pode ser acompanhado de percalços, dores, angústias, medos e frustrações que acarretarão em rupturas emocionais e como consequência disso, esse indivíduo pode apresentar ou desenvolver, transtornos de personalidade em algumas vezes.

Essa problemática pode ser proveniente de diversos fatores como: história de abuso ou negligência na infância, problemas de autoestima, condições psicológicas dentre outros (Bowlby, 1990). Mesmo sendo um problema que afeta diretamente as condições emocionais e psíquicas das pessoas, a própria psicologia desconsiderou por muito tempo as reais causas da dependência emocional (Mosqueira; Stobaus, 2006; Bandeira; Hutz, 2010).

Para o psicanalista Bowlby (1990), é corriqueiro os padrões de dependência terem raízes em experiências precoces de apego e relacionamentos familiares. Desse modo, faz-se preciso um espaço seguro para investigar essas origens, de maneira a canalizar uma compreensão mais profunda das dinâmicas inconscientes que sustentam tal dependência. O autor ainda elucida que, o indivíduo pode ganhar clarificações valiosas sobre como seus padrões de relacionamento foram moldados e encontrar formas de configurá-los de maneira saudável.

Para Matos e cols (2023) na teoria do apego, desenvolvida por Bowlby, consegue-se pinçar um arcabouço teórico denso e ao mesmo tempo palpável, na compreensão sobre como as primeiras experiências de vínculo moldaram as tendências emocionais e comportamentais na trajetória existencial dos indivíduos. Nessa mesma teoria ele narrou que, a compreensão de que o vínculo estabelecido entre uma pessoa e seus cuidadores durante os primeiros anos de vida, tem a tendência de impactar diretamente na maneira de como essa mesma pessoa irá se envolver em relacionamentos interpessoais quando estiver na fase adulta.

Portanto, explorar as origens da dependência emocional é essencial para o processo de enfrentamento e superação dos padrões disfuncionais desse indivíduo. Ao compreender como as experiências passadas construíram crenças, ações e escolhas de relacionamentos interpessoais, permitirá ao indivíduo *insights* preciosos sobre si mesmos, e por meio disso inicia-se um processo de transformação (Bowlby, 1990). Todos esses fatores somados e interligados durante o processo existencial do indivíduo contribuirão para afecções psicossomáticas que por sua vez propiciarão o(s) transtorno(s) de personalidade.

Fora elencado para esse estudo o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB), o termo “borderline” é empregado pelo fato do indivíduo encontrar-se entre o tracejado limitante da neurose e da psicose. Por se tratar de uma condição psicopatológica com impactos nas diversas esferas de vida das pessoas que a possuem, destaca-se como um tema relevante socialmente de ser pesquisado e aprofundado, por meio de pesquisas, tais como esta que se propõe.

O TPB não limita-se a uma fisiopatologia única, acredita-se que existe uma associação a diversos fatores que interferem no desenvolvimento cerebral em termos estruturais e funcionais, onde a expressão do fenótipo TPB e suas manifestações sintomáticas estejam diretamente relacionadas aos fatores ambientais que o indivíduo está inserido (Amaral e cols, 2021).

Para tanto, Jordão e Ramires (2010), afirmam que o meio em que a criança e/ou adolescente conviveu e se desenvolveu, são fatores dominantes e predisponentes para o desenvolvimento desse transtorno. Isso porque a exposição exacerbada a fatores estressantes especialmente nas fases de neurodesenvolvimento, com maior sensibilidade



e maior plasticidade cerebral, contribuirão para alterações cerebrais significativas nesse indivíduo.

O percurso para o desenvolvimento desse transtorno está presente na infância, mesmo que essa manifestação sintomática seja explícita na fase adulta (Nunes e cols, 2015). Para esse indivíduo, viver e presenciar eventos traumáticos como risco à vida, exposição à integridade física ou psicológica torna-se o principal fator de risco para ocorrências dos transtornos mentais, em especial atenção aos transtornos de personalidade. Os estudos, em sua maioria, revelam que o maior número de preditores do aparecimento de sintomas do TPB são abusos e maus tratos na infância (APA, 2014).

Por esse motivo, faz-se necessário estudos que abordam essa temática de relevância social, onde pode-se trazer para discussão contribuições de promoção à saúde desses indivíduos ao enfrentamento desse sofrimento avassalador. Principalmente, com foco na adolescência, visto ser uma fase de transição da infância para a vida adulta, e onde ocorrem muitas mudanças, físicas, emocionais, sociais e de identidade. Visto que uma revisão abrangente de literatura sobre o tema já foi realizada em 2010 pelos autores Jordão e Ramires, entende-se que após 15 anos pode ser útil e interessante para a ciência, atualizar a compreensão do tema, considerando os mais diversos marcos históricos durante esse período, como o aumento de acesso a tecnologias pelos adolescentes, a pandemia Covid-19 entre outros que podem reverberar nas condições dos sujeitos.

Desse modo, o presente estudo tem como questão norteadora: quais as rupturas emocionais traumáticas que a literatura aponta em sujeitos adolescentes com TPB?

Por isso, para melhor compreensão sobre o tema neste público, propõe-se como objetivo geral identificar na literatura as rupturas traumáticas de adolescentes com diagnóstico de TPB.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, que conforme Gil (2002) é composta por várias fontes bibliográficas como livros e artigos a respeito do tema. O mesmo autor descreve o processo da revisão bibliográfica iniciando pela delimitação do tema, levantamento bibliográfico preliminar, estruturação do problema de pesquisa, busca das fontes de pesquisa, leitura dos materiais inseridos e redação do texto da revisão.

Para isso, utilizou-se de bases de dados como Scielo, Bireme, Pubmed, Google Acadêmico, com os descritores utilizados para a busca de material foram: “transtorno de personalidade borderline”, “borderline”, “adolescentes”, “adolescência” utilizando os operadores *booleanos* AND e OR. A faixa temporal estabelecida foi de 2010 até 2025.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na presente pesquisa foram inseridos 9 materiais para análise, compreendendo o período dos últimos 15 anos. Desses materiais, 2 foram artigos científicos nacionais, enquanto 7 foram artigos científicos internacionais. A literatura aponta que a composição familiar de adolescentes com TPB, se caracteriza pela convivência com irmãos e/ou pais/responsáveis (Chanen e cols, 2022). Isso pode indicar que a dinâmica familiar influencia a desregulação/labilidade emocional, sintoma presente no TPB.

Além disso, foi encontrado que adolescentes com faixa etária entre 14 e 17 anos, relataram crenças de que as suas emoções são fixas, sendo, em suas percepções, difíceis de mudar (McLachlan e cols., 2022). Nesse mesmo estudo, os adolescentes apresentam características de ruminação mental, ou seja, a repetição de padrão de pensamentos e emoções, o que dificulta a regulação emocional.



Engelhardt (2012) em seu estudo traz que quando a criança assume tarefas emocionais e funcionais que normalmente seriam de um adulto, isso pode desfavorecer o estabelecimento do apego seguro, gerando rupturas no desenvolvimento emocional esperado para a idade.

Ainda, os adolescentes com TPB testemunharam situações de violência, e as situações de abuso verbal, físico e sexual foram mais severas comparados com o outro grupo controle neste estudo (Temes e cols., 2017). Bowlby (2002, p. 138) afirma que: “As experiências de cuidado precário, ou aquelas em que há medo dos próprios cuidadores, são das mais poderosas influências na origem dos transtornos emocionais graves.”

Uma outra revisão de literatura realizada por Bozzatella e cols. (2021) apontou que além dos traumas citados pelos estudos anteriores, vivências de bullying, como ser intimidado durante a experiência escolar, geram sentimentos de solidão, raiva e perda da confiança entre pares, caracterizando essas experiências como preditoras de rupturas emocionais com recorrência ao desenvolvimento de TPB.

Como consequência dessas vivências na infância, os adolescentes experienciam reverberações de faltas que deveriam ser supridas, e que geram desfalque na sua estruturação como sujeitos. Isso pode ser visto em um estudo em que adolescentes estudantes do sexo masculino apresentaram mais relatos relacionados a instabilidade afetiva nos relacionamentos, intensidade na raiva, sentimento de vazio crônico e comportamentos de evitação de abandono crônica. Além disso, a instabilidade quanto à percepção de si mesmo, clareza quanto a seus valores, definição de interesses e objetivos pessoais, destacou-se nos relatos desses participantes da pesquisa. Isso indica os prejuízos que essas rupturas emocionais reverberam já na adolescência (Wang e cols., 2024).

Além disso, a indicação de que eventos traumáticos refletem em comportamentos autolesivos em adolescentes, principalmente entre 15 e 16 anos (Menezes; Faro, 2023). Isso também pode ser visto em um estudo realizado na Rússia com adolescentes entre 12 e 18 anos, que adolescentes do sexo feminino com TPB com relatos de experiências de abusos emocionais, apresentam maiores índices de comorbidade de transtornos alimentares e os do sexo masculino maior correlação com comportamentos suicidas (Zashchirinskaia; Isagulova, 2023).

Outro achado deste estudo indica maior correlação de experiências de abuso e negligência emocional refletidas em comportamentos de dependência química na adolescência (Zashchirinskaia; Isagulova, 2023). De forma geral, esses estudos indicam uma problemática relevante socialmente a ser estudada, mostrando compreensões sociais e a necessidade de mais estudos de intervenções nesse público, de forma a promover a saúde mental desses sujeitos.

Essas rupturas podem se manifestar por meio de histórias de abandono afetivo, negligência, abuso físico, psicológico ou sexual, perda precoce de figuras cuidadoras, convivência com instabilidade emocional no ambiente familiar ou ausência de vínculos afetivos consistentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura analisada observamos que durante a infância, as vivências precoces de negligência, abuso e vínculos afetivos fragilizados trazem sérios impactos para esses sujeitos. A interligação entre os estudos contemporâneos e os fundamentos clássicos da teoria do apego possibilitou compreender como essas experiências impactam o desenvolvimento da personalidade e o funcionamento emocional desses adolescentes.

Os vínculos estabelecidos nos primeiros anos de vida não se restringem apenas à sobrevivência física, eles são fundamentais para a construção da afetividade e da



identidade. Quando esse processo é interrompido por vivências traumáticas, surgem graves repercussões frequentemente associadas a sintomas típicos do TPB, como: instabilidade afetiva, medo de abandono, vazio crônico e comportamentos autolesivos.

Essas rupturas são compreendidas como falhas no estabelecimento de vínculos seguros, especialmente quando os próprios cuidadores representam fontes de ameaça ou instabilidade. As experiências de cuidado precário são os fatores determinantes no surgimento de transtornos emocionais graves. A inversão de papéis na infância — quando a criança assume funções emocionais do adulto — compromete seu desenvolvimento emocional e prejudica a formação do apego seguro.

Os fatores psicossociais envolvidos, elucidam para o impacto de experiências negativas como: bullying, ruminação mental e solidão como reforçadores das rupturas emocionais. Esses dados complementam a teoria de Bowlby ao demonstrar como o ambiente social e relacional continua exercendo influência no funcionamento emocional durante a adolescência.

As vivências traumáticas vividas/vivenciadas na infância, sobretudo aquelas associadas à falha dos vínculos primários e ambiente hostil, representam o fator central no desenvolvimento de padrões emocionais disfuncionais observados no TPB. Portanto, compreender essas rupturas e seus desdobramentos é fundamental não apenas para o diagnóstico e intervenção clínica, mas também para a formulação de políticas públicas e estratégias de prevenção em saúde mental voltadas à infância e adolescência por meio de mais estudos e produções científicas nacionais acerca desse tema.

REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A. et al. Transtorno de personalidade borderline: perspectiva da automutilação em adolescentes. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 5, p. 45322–45337, 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 14, n. 1, p. 131–138, jan. 2010.

BOZZATELLO, S. et al. The role of trauma in early onset borderline personality disorder: a biopsychosocial perspective. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, p. 721361, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.721361>.

BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOWLBY, J. *Cuidado materno e saúde mental*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/23858>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CHANEN, A. M. et al. A comparison of adolescent versus young adult outpatients with first-presentation borderline personality disorder: findings from the MOBY randomized controlled trial. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 67, n. 1, p. 1–13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0706743721992677>.



ENGELHARDT, J. A. The developmental implications of parentification: effects on childhood attachment. *Graduate Student Journal of Psychology*, v. 14, p. 45–52, 2012.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORDÃO, A. B.; RAMIRES, V. R. R. Adolescência e organização de personalidade borderline: caracterização dos vínculos afetivos. Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/Xf68YjjBwsfpzJ3znkbWvF/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2025.

LANE, S. T. M. *O que é psicologia social*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATOS, C. de C.; OLIVEIRA, S. R. de; PAQUIELA, L. C. K. dos S. Dependência emocional em relacionamentos amorosos e estratégias de enfrentamento: abordagens psicológicas. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 11, p. 24092–24113, 2023. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV3N11-200>.

MC LACHLAN, R. et al. Borderline personality traits and emotion regulation strategies in adolescents—the role of implicit theories. *Child Psychiatry & Human Development*, v. 53, n. 4, p. 899–907, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01169-8>.

MENEZES, M. D. S.; FARO, A. Eventos traumáticos e comportamento autolesivo em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 19, n. 1, p. 58–66, 2023. (Nota: referência adaptada com base no nome citado; favor revisar se houver diferença no título original.)

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Autoimagem, auto-estima e autorrealização: qualidade de vida na universidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 7, n. 1, p. 83–88, 2006.

NUNES, F. L. et al. Eventos traumáticos na infância, impulsividade e transtorno da personalidade borderline. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 11, n. 2, p. 68–76, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20150011>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872015000200002. Acesso em: 16 maio 2025.

PINTO, M. F. R. As relações interpessoais e a aprendizagem. 2014. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) – Universidade Estadual da Paraíba, 2016. Acesso em: 15 abr. 2025.

TEMES, C. M. et al. Prevalence and severity of childhood adversity in adolescents with BPD, psychiatrically healthy adolescents, and adults with BPD. *Personal Mental Health*, v. 11, n. 3, p. 189–194, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1002/pmh.1380>.

WANG, Q.; LI, Z.; ZHONG, J. Network analysis of borderline personality features in adolescence using a screening tool in a Chinese community sample. *Psychopathology*, v. 57, p. 182–191, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1159/000535586>.

ZASHCHIRINSKAIA, O.; ISAGULOVA, E. Childhood trauma as a risk factor for high risk behaviors in adolescents with borderline personality disorder. *Iranian Journal of*



Psychiatry, v. 18, n. 1, p. 65–71, 2023. Disponível em:
https://ijps.tums.ac.ir/article_675772.html.